

MISSÃO PEDAGÓGICA PRETA JM

CORPOS E SABERES PRETOS

MÚSICA E POESIA
LINGUAGEM E IDENTIDADE

POLIFONIA E SUBJETIVIDADE
INCLUSÃO E CIDADANIA



SUMÁRIO



03

DOS ORGANIZADORES

Apresentação desta edição.

04

DEPOIMENTOS

Relatos discengtes das vivências proporcionadas pelos diferentes projetos promovidos.

06

GESTÃO DEMOCRÁTICA E EQUIDADE

Entrevista com o diretor Marcelo Nascimento.

11

O AUTORECONHECIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESCULTURAS

Entrevista com a profa. de História, Etyelly Nicoli

13

QUADRINHOS: HERÓIS E HEROÍNAS PRETOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA E CAPIXABA

Entrevista com a profa. de Sociologia, Jamile Pereira

15

SETEMBRO VERDE E EQUIDADE

Entrevista com a educadora Katia Schimidt

18

DEBATES SOBRE O RACISMO: VIDAS NEGRAIS IMPORTAM

Relato de prática da profa. de Língua Portuguesa, Jeanny Duarte

11

HIP HOP: GRAFITE

Entrevista com o prof. de Filosofia, Gerson dos Reis

Comissão Editorial

DOCENTES ORGANIZADORES

ETYELLY NICOLI

JHONATHAN LENO REIS FRANÇA SANTANA

DISCENTES ORGANIZADORES

ANA PAULA FERREIRA DA SILVA

RYAN HENRIQUE DUARTE SIQUEIRA

EMILLY ALBUQUERQUE DA SILVA

ENTREVISTADORES

GUILHERME BRITO

LUANA CAITANO ANGELO

LUIS OTÁVIO COSTA CARVALHO

FOTÓGRAFOS

KAILANE JULIA SILVA LIMA

DOS ORGANIZADORES

Em sua primeira edição, a Revista JM apresenta as ações realizadas pela comunidade da escola EEEFM Dr. José Moyses, no contexto da Missão Pedagógica Preta, capitaneada localmente pela SRE de Cariacica.

Para esta edição, foram realizadas entrevistas com servidores de diferentes disciplinas e segmentos, que promoveram ações nas três áreas da organização curricular capixaba. Os projetos abarcam práticas artísticas, linguísticas, pedagógico-científicas, etc. sobre diferentes aspectos das relações étnico-raciais no âmbito brasileiro e capixaba.

A revista conta ainda com a veiculação de depoimentos de diferentes atores sobre as práticas vivenciadas, bem como com a exposição de alguns dos trabalhos produzidos.



DEPOIMENTOS



LUANA CAITANO ANGELO, 1º MARKETING

Os projetos sobre a consciência negra na escola representaram um momento especial, com iniciativas incríveis dos professores que fizeram muitos alunos se sentirem acolhidos. A participação dos alunos foi ótima, mostrando a importância de promover mais eventos como esse para que todos se sintam parte da comunidade escolar e orgulhosos de suas raízes. Seria interessante ter mais atividades sobre a história da cultura negra, a luta contra o racismo e a importância da representatividade, além de contato com artistas negros. Acredito que, juntos, podemos construir uma escola mais justa e inclusiva.



JOAO PEDRO JUSTINO LIMA, 2ºM3

Eu acho que essas atividades que os professores estão fazendo são muito boas para nós, que somos adolescentes. Nós temos uma cabeça muito fechada. A gente vive muito no nosso mundo. Então, esses movimentos, essas atividades muito boas, meio que extracurriculares, são excelentes para abrir a nossa mente, para, por mais que muitas vezes a gente brinque com o nosso amigo, dizendo que é uma brincadeira, racista, mas é uma brincadeira que muitos de nós fazemos. Então, essas atividades, incorporam mais a gente, abrem muito a nossa mente.



JULIA SANTOS ROCHA, 3º MARKETING

Esses projetos ajudaram os alunos a entender melhor a cultura negra e a se sentirem acolhidos. A representatividade e a inclusão são importantes para construir uma sociedade mais justa, e ver a cultura negra sendo celebrada na escola contribui para que os alunos se sintam mais seguros em sua identidade. Iniciativas como essa inspiram empatia, respeito e valorização da diversidade, combatendo o preconceito.

EDIÇÃO ESPECIAL:

CORPOS E SABERES PRETOS



A edição intitulada "Corpos e Saberes Pretos" traz à tona a riqueza dos projetos pedagógicos desenvolvidos na nossa escola, celebrando as diversas formas de conhecimento e resistência dos corpos pretos em nosso território. Nesta publicação, destacamos as iniciativas que promovem a valorização da ancestralidade, a luta contra o racismo e a construção de uma educação que reconhece e enaltece as vozes e histórias negras. Aqui, os saberes pretos não são apenas uma herança, mas um farol que ilumina novas possibilidades de ensino e transformação social.

GESTÃO DEMOCRÁTICA E EQUIDADE

*ENTREVISTA COM O GESTOR ESCOLAR, MARCELO DO NASCIMENTO,
REALIZADA PELOS DISCENTES GUILHERME, LUIS OTÁVIO E KAILANE*

A entrevista que abre essa edição, realizada com o gestor escolar Marcelo do Nascimento, teve como foco compreender o caminho trilhado ao longo de sua formação acadêmica e carreira profissional e sua influência na visão educacional implementada na gestão da unidade de ensino EEEFM Dr. José Moyses.

Gostaríamos de iniciar perguntando um pouco sobre você, sobre como foi a sua jornada para chegar na direção escolar.

Marcelo do Nascimento: Eu fui um aluno bem dedicado ao longo da minha jornada escolar, desde muito cedo. Eu comecei na escola pública em 1991. Me lembro do Ensino Fundamental. Estudei numa escola do bairro, EMEF Oliveira Castro, que é o nome da escola. Eu me lembro até hoje: fui alfabetizado ali na primeira e na segunda séries, mas sempre buscando superar todo e qualquer desafio na minha vida. Então, eu sempre fui esse aluno que via o desafio e buscava superá-lo. Quando chegavam as avaliações, buscava dar o meu melhor. Chegava em casa, estudava, tinha meus momentos separados. Após isso, entrei no Ensino Fundamental II. Naquele tempo, era chamado de ginásio. Ainda me dediquei bastante. Estudei os quatro anos desse ginásio, hoje, Ensino Fundamental II.



Terminada a oitava série, eu tive acesso ao Senai, quando iniciei minha profissionalização. Me tornei mecânico de imediato, como menor aprendiz. Ia para a escola de manhã, a Escola Normal. Nessa época, eu já estava na escola particular. Durante esse período, em Barcelona, no município de Serra, ia para o Senai, que era uma Escola Indústria. Então, aprendi a trabalhar com peças de metal, a fazer todo aquele momento de formação para se tornar, de fato, um profissional da indústria. Nesse contexto, eu fui trabalhar em um estágio na Vale, empresa que existe até hoje, e que é uma mineradora. Fiquei um ano e vi que eu não tinha um perfil para trabalhar como um empregado na indústria. Aos poucos, fui tomando consciência de que eu sempre tive algo voltado para a escola. Foi quando decidi que seria professor. Passei na época em uma graduação para fazer licenciatura. Eu fiz licenciatura em Química, estudei uns quatro anos. Foi um momento de muita dedicação, pois o curso de licenciatura em Química não é tão simples assim.



É uma disciplina que vocês sabem como é que é. No próprio Ensino Médio, vocês já podem perceber as dificuldades que se tem. Agora, imagine estudar Química todos os dias na faculdade. Então, eu passei por momentos assim. Fui me conscientizando de que precisava me dedicar, necessitava estudar de fato. E assim fiz. Foram quatro anos. Ao final, os quatro anos formados, eu prestei um concurso público. Passei. Foi a minha primeira cadeira, que é como nós chamamos a efetivação como professor. Então, vim trabalhar 25 horas no governo do Estado pela Sedu. Foi quando eu comecei a carreira. Hoje já fazem 16 anos que eu estou trabalhando na educação, como professor, e, neste momento, como gestor. O papel de gestor surgiu como uma oportunidade. Eu me lembro em 2014, quando meu diretor estava aposentando, ele me deu a indicação para a secretaria para assumir temporariamente uma direção de escola. Eu assumi a escola, que é hoje a EEEFM Maria Penedo. Então, fiquei lá por três anos, praticamente.

Ao final dos três anos, eu migrei para esta escola, enquanto professor de química. Fiquei aqui entre 2018 e o final de 2019, quando surgiu minha primeira oportunidade de fazer uma entrevista para assumir a direção de uma escola. Assim, fui para um processo seletivo com uma entrevista lá na SEDU, sendo indicado, então selecionado naquele momento para assumir a direção da escola da do município de Santa Leopoldina. Eu fui diretor lá por dois anos. Foram dois anos, dois anos completos, em que eu tive a oportunidade de, de fato, assumir uma direção e aperfeiçoar as competências necessárias para o cargo de gestão.

Ao final desse tempo, eu fiz novamente um processo seletivo e fui selecionado para vir para a escola que hoje eu atuo como gestor, que é a nossa escola, EEEFM Dr. José Moysés. Então, a minha carreira foi, e está sendo, um momento de muito esforço.

Bom, a gente estava conversando agora sobre a sua jornada, e a gente percebeu que está ocorrendo vários projetos pela escola. Gostaríamos de perguntar: se você fosse um estudante, como você aproveitaria esses projetos, essas oportunidades que estão sendo oferecidas?

Guilherme, eu aproveitaria da melhor maneira possível. E como a gente aproveitaria se engajando, se envolvendo com cada projeto? Se o professor, está ali na sala de aula, atuando nesse projeto, levantando a moral de vocês, eu não deixaria esse momento escapar. Perguntaria o que é necessário, como eu poderia participar dessas propostas? Vocês estão fazendo essa entrevista comigo aqui, certamente orientado pela disciplina. Então, eu utilizarei a palavra **se envolver**. Não deixem as oportunidades passarem. Então, como o Guilherme está fazendo este projeto? Como você espera que as pessoas, além dos muros da escola saibam desse projeto desenvolvido nela? Nesse sentido, Guilherme e Luiz Otávio, a gente precisa aproveitar o que a tecnologia fornece a nosso favor hoje. Por exemplo, hoje a gente está fazendo aqui quase que um podcast.

Hoje a gente tem ferramentas de mídias sociais que facilitam isso. Redes Sociais. A escola mesmo tem uma rede social que está com mais de 1000 adeptos e visitantes.

Nessa página da escola, onde a gente pode colocar fotos, desenvolver textos que relacionam aquele assunto que a gente está vivenciando. Assim, é utilizar o que a gente tem aqui ofertado de forma gratuita. Então, com um celular à mão, vocês podem, em muitos momentos, fazer reels, fazer vídeos, fotos, escrever e postar para que o mundo lá fora, as pessoas, que estão em torno da escola ou até mesmo a alguns quilômetros de distância, consigam ver o que está sendo realizado aqui de forma intencional, e que neste momento, com o assunto que a gente traz para o debate, considerando que a gente está trabalhando com a questão da missão pedagógica preta, falar do que que ela traz de mudança na vida, tanto de quem está dentro da escola quanto de quem está fora também.



Em sua visão como o diretor, qual é a importância desse projeto para a escola?

Muito bem, Guilherme. O diretor de escola, o gestor escolar, tem uma expectativa muito grande com todos os alunos, com tudo o que é feito dentro da escola. O principal objetivo, meta, que a gente tem dentro da escola é conseguir produzir conhecimento, gerar aprendizagens.

Não existe outra função da escola que não essa: gerar aprendizagens. E a aprendizagem não é só naquele momento em que vocês estão ouvindo o professor dentro da sala de aula, mas quando vocês estão criando. Produtos como esse que vocês estão fazendo comigo, que agora a gente está produzindo conhecimento juntos. Então, a importância do projeto é ser pontual naquilo que ele intenciona. O projeto Missão Pedagógica Preta tem como objetivo central promover a equidade racial, o combate ao racismo, à discriminação. Então, a partir do momento em que as pessoas são envolvidas nesse projeto, elas começam a ter alertas, insights e ter compreensão melhor sobre determinado assunto. Quando você divulga, você torna ele mais acessível para que as pessoas compreendam e assim consigam melhorar suas vidas.

Como esses projetos podem influenciar a vida de um estudante negro? E o que você acha que vai mudar na educação desses jovens?

Muito bem, Luiz. A pergunta é interessante e a gente sabe que a nossa escola possui um grande número de alunos autodeclarados negros, pardos e pretos. Então, nossa escola está em um circuito de gestão estabelecido pela Secretaria de Educação, em que existem ações e tarefas que precisam entrar em cena para contribuir com a educação. Diante desse espaço, o projeto Missão Pedagógica Preta, associada a diversas tarefas levantadas por vários professores e pela escola de forma geral, vai contribuir para que o aluno se perceba, enquanto negro, para que ele valorize a etnia dele, para que ele saiba o valor que tem cada cada ser, inclusive ele mesmo, enquanto negro. Há um imaginário, por exemplo, de que o negro não possui beleza.

E eu vi alguns projetos sendo desenvolvidos principalmente com fotografias enaltecedo a beleza negra. Não de outras pessoas fora da escola, mas de dentro da escola mesmo. Se vocês perceberam, tinha foto minha colada no corredor. Eu, autodeclarado negro. E me chamaram para participar dessa exposição. Tirei a foto junto com outros alunos que também tiveram essa iniciativa. Tiraram suas fotos para que valorizasse a estética negra. Gradativamente, o aluno começa a perceber que ele não é alguém de fora deste planeta. Ele é deste planeta, ele é desta região, ele é negro e ele não pode levar isso como vergonha, mas como um orgulho. Além disso, os alunos começam a se sentir realmente parte integrante desta sociedade, e a perceber que ele consegue alcançar outras coisas quando ele se encontra também como pessoa. Então é um momento de valorização do ser.

A gente queria saber quais são suas considerações sobre esse projeto que estamos fazendo sobre a pedagogia preta.

Então, quanto à pedagogia preta, nós temos, na verdade, no ano de 2024, a missão pedagógica preta, estabelecida como um barco, um carro forte que está conduzindo a nossa educação, principalmente, no município de Cariacica. Para a gente fortalecer a equidade racial e dar oportunidade. Para que todos os nossos jovens, inclusive os nossos alunos negros, pretos e pardos, consigam se perceber realmente pertencentes a essa sociedade e para que se consiga gerar neles um sentimento de valorização.

A desigualdade educacional vem imperando na rede pública por muito tempo, principalmente para os nossos alunos negros. Parece que eles são excluídos do rumo que a trajetória existencial precisa tomar, que é a realização pessoal de maneira integral. Contudo, parece que eles são excluídos desse processo. A partir do momento que ele consegue se perceber enquanto sujeito de direito, ele vai tendo oportunidades para construir seu próprio futuro, se valorizando e se reconhecendo como negro. Tornado-se mais consciente à medida que percebe que ele precisa combater também esse momento de racismo, de discriminação racial. Então, esses projetos trazem, para dentro da escola, tarefas, ações, que contribuem de forma positiva para que consigamos desenvolver uma educação de qualidade, uma educação de equidade, onde todo mundo tenha direitos, onde todo mundo consiga alcançar o sucesso para a vida. Desse modo, a escola está aberta, dando apoio para cada momento como este, na esperança de que ela se torne realmente um celeiro, um celeiro de grandes oportunidades, de maneira que todos os nossos alunos tenham seu espaço legítimo assegurado dentro desta escola.





O AUTORECONHECIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESCULTURAS

ENTREVISTA COM A PROFA. DE HISTÓRIA, ETYELLY NICOLI, REALIZADA PELOS DISCENTES RYAN SIQUEIRA E LUANA CAITANO

O que é esse projeto?

O projeto é uma proposta de trabalho sobre a Consciência Negra. É um projeto desenvolvido pela área de humanas, tendo como objetivo promover o autoreconhecimento, ou seja, que a pessoa se reconheça como é.

Em que esse projeto influencia na questão étnico-racial?

Então, esse projeto traz para o aluno uma consciência, porque nós temos um grande problema nessa escola. O aluno não se reconhece preto. O aluno aqui na escola não se identifica, não se vê dessa forma.

O aluno aqui da escola se vê muito distante da cor, da tonalidade preta. Muitos aqui se olham e se enxergam totalmente brancos. E isso é preocupante, uma vez que nesta escola também nós já passamos para uma série de problemas de racismo.

Então, esse projeto vem como uma forma de autoconhecimento. Trabalhar isso, a identidade do aluno, o autoconhecimento, que é o reconhecimento por parte da pessoa de como ela é de fato, bem como seu papel na sociedade. Esse projeto tem essa função e esse objetivo.

O grupo de alunos que participam desse projeto é diverso ou é um grupo majoritariamente de pretos e pardos?

Que são bem diversos, né? (risos). Eu não posso quantificar, porque se eu quantificar, acho que vai ficar até errado, mas é uma turma que tem alunos bolivianos, muitos alunos negros, muitos alunos do AEE, e é uma turma que tem essa ideia de abraçar. Então é uma turma que traz essa autoidentificação na produção das esculturas. Percebo que eles “abraçam” uns aos outros, por ser uma turma muito diversificada, com a identidade negra, com os alunos especiais do AEE, com os alunos imigrantes, etc. Então essa turma traz essa identidade também para a escultura.

Qual é o impacto desse projeto ter na vida dos alunos, pretos e pastos especiais, no que ele ajuda?

Reconhecimento, depois do projeto pronto. Porque eles têm que estudar o tema da escultura, que se inicia da discussão acerca do que é preconceito. É nesse contexto que se incia o trabalho. À medida que eles recebem um tema, eles têm que projetar essa escultura dentro desse tema através da pintura.

Então, à medida que isso acontece, eles estudam, eles buscam no contexto das aulas. Então, nas aulas, eles começam o reconhecimento, dialogando com os colegas. No geral, são histórias muito bonitas, histórias de luta, de sobrevivência e de reconhecimento.



QUADRINHOS: HERÓIS E HEROÍNAS PRETOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA E CAPIXABA

*ENTREVISTA COM A PROFA. DE SOCIOLOGIA, JAMILLE PEREIRA,
REALIZADA PELA DISCENTE EVELIN OLIVEIRA*





Como surgiu a ideia desse projeto?

A ideia do projeto surgiu a partir de um diálogo interdisciplinar entre os professores das áreas de Humanas e de Códigos e Linguagens, juntamente com a proposta relacionada ao dia 20 de novembro, que é o Dia da Consciência Negra e do Movimento Negro. O professor Jhonathan, de Língua Portuguesa, sugeriu que trabalhássemos com personagens negros para enfatizar essa temática, e trazer, à sala de aula, discussões sobre a trajetória da população negra no Brasil. Desde sempre, essa população tem lutado para sobreviver em uma sociedade racista e preconceituosa, sendo verdadeiros heróis no dia a dia.

E por que heróis negros?

Porque, como eu falei, o herói negro para poder dar um ênfase na situação do movimento negro e também em relação à situação do negro no Brasil. Por que o negro? Para que ele seja reconhecido como herói em nossa sociedade. Tendo em vista que nós, eu incluída nesse nós, comou uma mulher negra, precisamos lutar muito, batalhar muito pela legitimidade e dignidade de nossa existência.

Para termos ênfase na nossa sociedade, para a gente conseguir ascender socialmente, é que essa temática se torna relevantes. Porque, como já dito, tudo é muito mais difícil para nós negros, devido à dificuldade e à posição social que abarcam a situação do negro na nossa sociedade. Nós, infelizmente, somos vistos ainda numa posição subalterna. Por causa da grande visão racista que impera no Brasil, o negro ele ainda é marginalizado. Ele ainda está nas áreas da subalternidade. Emprego subalterno, salário subalterno, comunidade subalterna. Então, o Jhon trouxe essa visão de trabalhar o herói negro, porque realmente o negro na nossa sociedade é um herói, ele é, de fato, um herói. Ele é herói para poder cuidar da família. Ele é herói para poder ascender socialmente pelo bem de sua família. Ele é herói para poder ser enxergado. Para isso, ele tem que batalhar três vezes mais na sociedade. Somente assim, ele vem a ser reconhecido e valorizado.

Esse projeto ele é feito através de quadrinhos. No caso, os alunos fazem em quadrinhos. Como nós podemos refletir através desses quadrinhos?

Bom, de antemão a proposta do projeto é que vocês escolhessem um artista, uma personagem negra e falasse sobre essa personagem, produzindo uma reflexão crítica sobre essa personagem negra.

Então, qual é o objetivo disso? E vocês entenderam. O objetivo era que vocês criassem um contexto crítico, uma teoria crítica, uma tese crítica, e expressasse essa criticidade no quadrinho. Por exemplo, se você escolhesse Leila Gonzalez, teria que pensar nas possíveis perguntas: Quem foi Leila Gonzalez no Brasil?; Qual a importância dessa mulher negra no para nós? No Brasil, principalmente para nós, mulheres negras; Qual é a relevância? O que ela trouxe de tão importante para nós que nos espelhou a também lutar pelo movimento negro, a também lutar pelas nossas divergências no Brasil. Bom, a Leila Gonzalez é uma grande teórica, que expressa a possibilidade de que nós também possamos ir para o mundo acadêmico, assim como ela. É nisso que consiste a importância de trabalhar os heróis negros. Porque os heróis negros, como eu gosto muito de falar dos nossos ancestrais, lutaram para nós estarmos aqui hoje. Nossos ancestrais trabalharam lá atrás. Com essa consciência, a gente vai se transformando. De geração em geração isso vai sendo transmitido. Por exemplo, condirando o posto que eu ocupo hoje, eu quero que a minha filha ascenda ainda mais socialmente. E isso vai sendo transmitido para os filhos de minha filha, se ela desejar ser mãe, e assim sucessivamente. Por isso, há a importância de trabalhar com heróis negros em quadrinhos, transformando eles em heróis e heroínas.

E qual o principal objetivo desse projeto?

O principal objetivo desse projeto é trazer a ênfase. É trabalhar o contexto da diminuição, de que o negro está em uma posição subalternizada. O negro ele não é coitado. Ele está numa posição subalterna por falta de oportunidades oferecidas a eles. Eu gosto de enfatizar também o fato de que o negro passou por um período muito longo de colonização, de escravização no Brasil e para nós tudo era negado. A gente era negado a viver socialmente na nossa sociedade, era negado o acesso à escola eram negadas políticas públicas mesmo.

Bom, e isso se manteve por muitos séculos, por muitos anos, por muitas décadas. E, assim, emerge a necessidade de trabalhar projetos como esse. Trabalhar a conscientização de vocês alunos, para ter noção de quais são os direitos de vocês, e o que vocês ainda podem fazer por isso? Por exemplo, cotas raciais. Você sabem o que é cota racial? É um direito de vocês, alunos de escolas públicas, não só de escola pública, mas também de escolas privadas, mas de pessoas que são consideradas pelo IBGE negras. E o que é a cota racial? A cota racial é uma quantidade de vagas que são reservadas para a população negra ter acesso às instituições públicas, por exemplo, uma universidade ou um concurso público. Então, quando a gente trabalha esses projetos integradores, o objetivo é despertar a importância das políticas públicas que nós temos aí na sociedade. É a importância da valorização, principalmente a valorização do negro, em uma sociedade tão racista, intolerante e preconceituosa como a que nós vivenciamos.



SETEMBRO VERDE E EQUIDADE

*ENTREVISTA COM A PROFA. DA EDUCAÇÃO ESPECIAL, KATIA SCHIMIDT,
REALIZADA PELOS DISCENTES EMILLY ALBUQUERQUE E RYAN MARTINS*



O que é esse projeto?

Esse projeto é uma causa muito especial que abraçamos anualmente: o "Setembro Verde", dedicado à conscientização e luta pela inclusão da Pessoa com Deficiência em nossa sociedade.

É um mês para nos lembrar da luta de milhares de deficientes por mais igualdade, respeito e principalmente menos preconceito.

Como esse projeto influencia na questão étnica racial?

Influencia dando voz e vez, pois vivemos em um mundo formado por etnias com suas especificidades, mas todos com os mesmos direitos e deveres, baseados em uma condição única de Ser Humano.



Algumas pessoas os “rotulam” através de sua fisionomia, ou por causa de algum utensílio que usam (seja ela: cadeira de rodas, bengalas, óculos, muletas...), mas se esquecem de que tem um grupo de deficientes que não são tão perceptíveis (como: autistas leves, TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), paralisia cerebral leve) e etc.

Refletir sobre o assunto é importante, saber o que eles passam é valido, mas precisamos dar visibilidade a eles o ano todo, pois o que eles querem é um país mais acessível, com mais oportunidades.

A deficiência não os define, mas faz parte deles, a luta deles não é para serem “especiais”, mas, para terem leis e o cumprimento delas.

O grupo de alunos que participam desse projeto é diverso ou é um grupo maioritariamente de pretos e pardos ?

O grupo de alunos que participam desse projeto é maioritariamente de pretos e pardos.

Qual impacto esse projeto tem na vida dos alunos pretos e pardos especiais, no que ele ajuda?

Todos nós temos um papel fundamental nessa jornada pela inclusão. Precisamos refletir sobre nossas atitudes e combater o capacitismo, que é a discriminação contra pessoas com deficiência. É essencial garantir que nossa sociedade seja cada vez mais acessível, acolhedora e respeitosa com todos os cidadãos.

Sabemos que dentro das escolas, os alunos com deficiência em sua maioria são de pretos e pardos. E que estes são vistos como “ineficientes” aos olhos dos ditos “normais”.



DEBATES SOBRE O RACISMO: VIDAS NEGRAS IMPORTAM

*ENTREVISTA COM A PROFA. DE LÍNGUA PORTUGUESA, JEANNY DUARTE,
REALIZADA PELOS DISCENTES EMILLY ALBUQUERQUE E RYAN MARTINS*



NO CONTEXTO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, A PROFESSORA JEANNY DUARTE MEDIOU DEBATES ACERCA DOS IMPACTOS DAS PRÁTICAS RACISTAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA E IGUALITÁRIA.

O projeto de realização de debates em sala de aula foi idealizado com o propósito de desenvolver competências fundamentais nos alunos, como a comunicação oral, o pensamento crítico, a construção de argumentos sólidos, o respeito às opiniões divergentes e a empatia. A prática de debates é uma ferramenta poderosa para estimular os alunos a refletirem sobre temas complexos e polêmicos, contribuindo não apenas para sua formação acadêmica, mas também para o seu crescimento como cidadãos conscientes e ativos em questões sociais.

A dinâmica dos debates é organizada em etapas, começando com uma explicação detalhada sobre o que é um debate, suas características e sua estrutura. Em seguida, promovemos um brainstorming com a turma, no qual os próprios alunos sugerem temas de seu interesse, incentivando uma maior conexão com o conteúdo. Entre os temas abordados estão Racismo, Aborto, Legalização da Maconha, Porte e Posse de Armas, Experimentos em Animais, Estupro, Pena de Morte, Casamento Homoafetivo, Violência Psicológica e Bullying. Destes, os mais escolhidos foram Racismo, Aborto e Estupro, o que demonstra o interesse dos alunos por questões que afetam diretamente a sociedade e as suas realidades.

Após a escolha do tema, os alunos são divididos em grupos e cada grupo é responsável por preparar seus argumentos a favor e contra o tema, usando diferentes tipos de argumentação, como exemplificação, comprovação, comparação, de autoridade e histórico. A preparação é um momento crucial, no qual eles aprofundam o estudo sobre o tema escolhido e constroem uma linha de raciocínio que sustente suas opiniões. É interessante observar que nem sempre os integrantes de um mesmo grupo compartilham a mesma opinião, o que gera debates internos ainda mais ricos e reflexivos.

A realização do debate segue uma estrutura formal, em que cada grupo tem um tempo para expor seus argumentos, responder perguntas de outros grupos e defender seu ponto de vista. Um grupo específico é responsável por realizar no mínimo três perguntas para o grupo em debate, garantindo que a discussão não se torne superficial ou engessada, mas sim um diálogo dinâmico e profundo. A interação entre os grupos permite que os alunos desenvolvam não apenas suas habilidades de argumentação, mas também a capacidade de escutar ativamente e contrarargumentar de forma respeitosa e bem embasada.

Um dos grandes diferenciais deste projeto é que ele não se limita ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas, mas promove, acima de tudo, uma educação para a cidadania. Ao debater temas como racismo e aborto, os alunos são desafiados a refletir sobre suas próprias crenças e preconceitos, e a considerar outras perspectivas. Eles aprendem que discordar não significa desrespeitar, e que é possível construir um diálogo produtivo mesmo em situações de divergência.

Ao longo dessa experiência, tem sido gratificante observar o crescimento dos alunos, tanto em termos de habilidade de comunicação quanto em sua capacidade de se posicionarem criticamente sobre questões complexas. O projeto de debates em sala de aula se mostrou uma estratégia eficaz para promover um ambiente educacional mais participativo, onde os alunos não apenas absorvem conhecimento, mas também se tornam protagonistas do processo de aprendizagem e reflexão sobre a sociedade em que vivem.



O grafite, como expressão artística urbana, tem profundas raízes na cultura negra, surgindo nas periferias como uma forma de resistência e afirmação identitária. Ele vai além de uma arte visual, sendo uma voz poderosa que denuncia opressões, reivindica espaços e celebra a ancestralidade. Através do grafite, artistas negros transformam a cidade em um palco de luta, cultura e memória, ressignificando espaços públicos e amplificando narrativas que muitas vezes são silenciadas pela sociedade.

HIP HOP: GRAFITE

*ENTREVISTA COM O PROF. DE FILOSOFIA, GERSON DOS REIS, REALIZADA
PELOS DISCENTES LANNA MOREIRA E EMILLY GOMES*



Professor, o que é grafite?

Vamos partir do começo, então. Dentro do projeto de eletiva da Escola Dr. José Moisés, que nós estamos promovendo desde o primeiro trimestre, dando continuidade no segundo, e “finalizando” no terceiro, os alunos experienciam a prática artístico-cultural do grafite. Nesse contexto, o grafite é tratado dentro da cultura hip hop , sendo um de seus elementos estruturantes. O hip hop possui, elementos: o rap, que é a poesia; a rima; a musicalidade; o break, que é dança, que é dança de rua; os DJs; e tem o grafite, como um dos quatro elementos do hip hop. E aí nós estamos proporcionando isso.

Qual a importância para a sociedade?

A importância do grafite para a sociedade parte um pouco do que ela é em si. O grafite é uma expressão artística popular, uma expressão de rua, uma expressão das periferias, onde através da arte do desenho, a pessoa manifesta suas ideias, faz o seu processo também, crítico, dentro da temática que quer abordar através do desenho. Há também as pichações que a gente vê pelos muros da rua, que não têm nada a ver com grafite, sendo escrito, embora o grafite seja escrita também. Mas, o grafite é quando a gente vê os desenhos, geralmente nos muros por aí. Esses desenhos são o grafite.

E qual é o objetivo do grafite?

O grafite é uma arte. É uma manifestação cultural, crítica, de uma temática que a pessoa quer expressar. Aqui dentro da escola, dentro do que nós estamos fazendo, as reflexões do nosso projeto de eletiva, busco associar com a disciplina que leciono, que é Filosofia. Tendo em vista as aulas dessa disciplina, a gente vai fazer uns desenhos relacionados ao que nós estamos refletindo dentro da aula.

E qual é a importância para os alunos?

Por ser uma arte, o grafite é uma manifestação cultural. A importância para o aluno, dentro do que nós propomos aqui, é através do desenho do grafite, ele mostrar o ponto de vista dele sobre a temática que está sendo abordada. Agora, no terceiro trimestre, por exemplo, dentro da eletiva, nós vamos focar a temática da consciência negra. E através do desenho, através do grafite, nós vamos expressar aquilo que nós estamos refletindo sobre a inclusão social do negro na sociedade, a riqueza da cultura negra na sociedade brasileira, e também fazer uma crítica sobre o racismo e o preconceito, que é algo infelizmente muito presente ainda no nosso meio.



DIREITOS HUMANOS

Karlem Davi - 1º MKTM

*O direito não é só lealdade,
Mas sim liberdade.
Liberdade de viver,
Liberdade de sonhar,
Assim podemos recomeçar.*

*Não importa a nacionalidade,
Todos nós temos que ter liberdade,
Direito de expressão,
Não importa a razão,
O direito está em nossas mãos!*

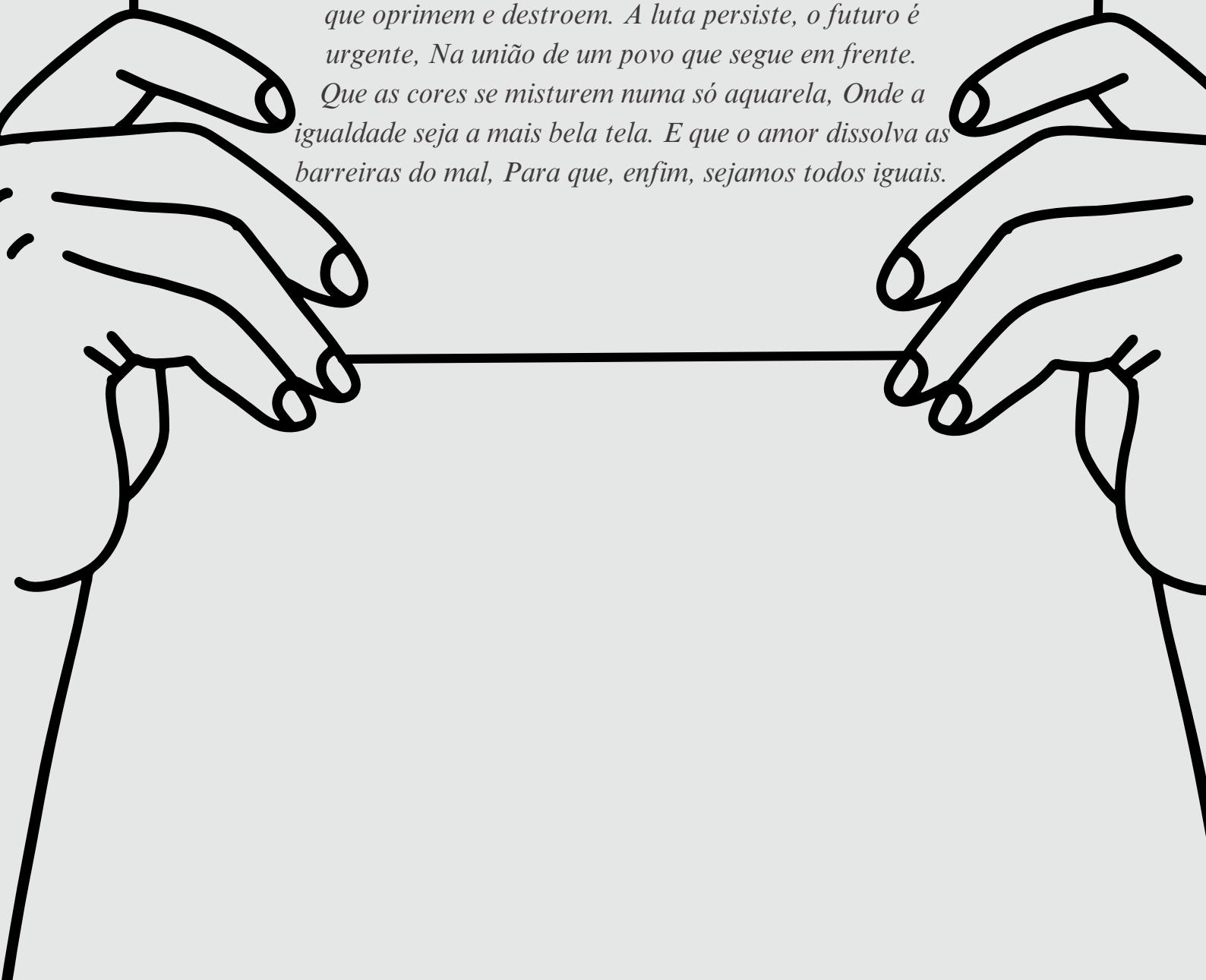
*É hora de agir,
Nada vai nos impedir,
O dever deles, eles devem cumprir
Para o nosso direito a gente conseguir.*

*E somos todos humanos
Temos direito à dignidade
Independente da nossa religião ou cidade!
Deve existir um mundo de igualdade.*

Vozes Silenciadas

No silêncio da noite, ouço vozes caladas, Histórias perdidas, memórias roubadas. Pele marcada pelo tempo e pela dor, Olhares que carregam séculos de clamor. Caminhos trilhados com pesos nos ombros, Sonhos quebrados em escombros. Mas a resistência nasce na raiz, Num solo que clama: justiça se faz aqui. Mãoz que constroem, corações que cantam, Culturas que florescem, mesmo quando espantam. O sol nasce igual para todos os seres, Mas as sombras insistem em se fazer ver.

Erguem-se punhos, levantam-se vozes, Contra correntes que oprimem e destroem. A luta persiste, o futuro é urgente, Na união de um povo que segue em frente. Que as cores se misturem numa só aquarela, Onde a igualdade seja a mais bela tela. E que o amor dissolva as barreiras do mal, Para que, enfim, sejamos todos iguais.



GALERIA DE FOTOS





NA PEDAGOGIA PRETA, EDUCAR PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS É CULTIVAR CONSCIÊNCIAS QUE RECONHECEM E CELEBRAM A FORÇA, A HISTÓRIA E A ANCESTRALIDADE DO POVO PRETO COMO MOTORES DE UMA VERDADEIRA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.





